

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

O CEMITÉRIO COMO UM RETRATO SOCIAL¹

Fernanda Ruppel Dambros², Maria Luiza Zimmermann³, Bethina Barz Basso⁴, Julia Giordani⁵, Josei Fernandes Pereira⁶

¹ Relato de experiência de pesquisa realizada durante a Jornada de Pesquisa 2019 da EFA

² Aluna do segundo ano do Ensino Médio da EFA

³ Aluna do segundo ano do Ensino Médio da EFA

⁴ Aluna do segundo ano do Ensino Médio da EFA

⁵ Aluna do segundo ano do Ensino Médio da EFA

⁶ Professor de História do Ensino Médio da EFA, orientador da pesquisa.

INTRODUÇÃO

Dissertamos, neste trabalho, sobre a importância dos cemitérios em uma sociedade operante através de uma revisão histórica. Lidar com a quantidade de cadáveres que a humanidade produz sempre foi um problema em discussão, pois nunca deixarão de morrer pessoas, então qual seria a melhor maneira de tratar deste grave problema social?

Procuramos compilar conhecimento sobre como as sociedades do passado lidavam com seus mortos, desde o período Paleolítico Médio até a Contemporaneidade, e o quanto isso nos diz sobre aquele período do tempo em relação à cultura.

Quando o cristianismo foi declarado a religião oficial do Império Romano, cemitérios tornaram-se indubitavelmente relacionados à religião, continuando esse padrão através de toda a Idade Média, em que ordens religiosas construíam seus cemitérios ao redor das igrejas, nos adros.

Na contemporaneidade temos consciência dos perigos que os cemitérios podem representar para a natureza e para a saúde de nossa sociedade; assim como também sofrem de uma expressiva falta de espaço nas áreas urbanas.

Com estas ideias em mente, realizamos uma pesquisa de campo. Um questionário, com objetivo de mostrar em dados quantificáveis o conhecimento da população com relação aos processos funerários e suas peculiaridades, dando uma perspectiva sociológica para a pesquisa, aliada a nossa revisão histórica.

Desse modo, contamos como intenção de nossa pesquisa a projeção do futuro dos cemitérios, tangenciando os problemas ambientais, socioeconômicos e geográficos que os ritos funerários atuais causam, e se esses seriam possíveis catalisadores de grandes mudanças na indústria mortuária.

DETALHAMENTO METODOLÓGICO

Procurando buscar as origens do conceito de cemitério, decidimos começar com uma recapitulação de acontecimentos importantes para a formação do que hoje conhecemos como cemitério, mesmo que estes não tenham sempre existido como atualmente. Decidimos utilizar uma pesquisa de campo

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

para validar algumas de nossas ideias sobre a mentalidade presente com relação a cemitérios.

No paleolítico médio, mais ou menos de 250.000 a 40.000 a.C., antecedendo as primeiras definições de cemitério, quando o homem ainda era nômade, os mortos já possuíam “cidades”, já que esses encontravam moradia permanente em cavernas, sendo elas uma espécie de túmulo coletivo assinalado por pedras. A entrada lacrada associa-se também a crença que os antigos tinham de que seus mortos, por motivos variados, poderiam acabar por se levantar da sepultura; no entanto, logo as cavernas pararam de dar conta dos mortos, criando-se então uma necessidade de construir túmulos artificiais.

Neste período, enterrar os mortos serviam a dois fins: o de manter a higiene, e também como prática espiritual. Nem todos os corpos eram sepultados, homens eram enterrados com muito mais frequência que mulheres, e em outros casos apenas certas partes do corpo eram enterradas. O funeral que era dado ao indivíduo revelava a sua importância naquela sociedade.

As definições de cemitério começam a surgir somente a partir do século XVII a.C., quando os gregos passaram a habitar a região da Grécia. Cemitério é uma palavra de duas origens, uma vinda do grego koimetérion, significando “eu durmo” ou “dormitório”, e outra origem no latim, com a palavra coemeterium, literalmente “cemitério”

No Império Romano, as práticas funerárias eram realizadas em acordo com a hierarquização de classes, sendo os mais pobres enterrados ou cremados sem muita cerimônia, e para os nobres haviam cortejos e discursos fúnebres (o laudatio funebris); se o corpo fosse enterrado, junto de si colocariam alimentos e objetos de uso pessoal; no caso de uma cremação, o corpo seria colocado em uma pira de madeira, as cinzas eram depois recolhidas e depositadas em monumentos póstumos.

Durante os séculos I e II d.C. a prática funerária mais comum no Império Romano era a cremação, mas conforme o cristianismo crescia entre os romanos, a inumação foi ganhando espaço, até que em 27 de fevereiro de 380, o imperador Teodósio assinou o Édito de Tessalónica, que declarava o cristianismo como religião oficial do Império Romano. Com o estabelecimento do cristianismo a cremação se torna ilegal.

Após a aprovação das Leis das Doze Tábuas, em 450 a.C., que proibiam a inumação dentro do perímetro urbano, foi somente a partir do século VII que os cemitérios passaram a ser dentro dos territórios da Igreja, quando o imperador bizantino Leão VI, dito “O Sábio”, aprovou sua Novela 53.

Desse modo, os cemitérios deixaram de ser somente o imutável local de descanso, e, assim como a Igreja, passaram a ser o centro da vida social da época. Alguns refugiados, que, a princípio, se estabeleciam temporariamente nos fossários, começaram a assentar-se ali, construindo habitações e morando nesses lugares permanentemente. Mas isso, claro, trouxe vários problemas. O terreno da catedral começou a ser insuficiente, a ponto de ser necessário enterrar as pessoas umas em cima

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

das outras, e, quando fosse necessário aumentar algo do prédio religioso central, este ainda era construído por cima das tumbas.

Além da inumação, a Igreja foi responsável por, de certa forma, demonizar vários dos outros ritos funerários da época, como a cremação, que passou a ser considerada herege e uma afronta.

Contudo, longe da influência do cristianismo, embora acontecendo simultaneamente, os ritos fúnebres em outras partes do mundo construíram-se de maneiras bem diferentes. Os vikings da Escandinávia, por exemplo, possuíam funerais bastante distintos, e continuaram, enquanto se tem registros, até o século XI, queimando seus mortos em conjunto com seus barcos, armas, riquezas e esposas. Preparado para a ocasião, a embarcação favorita do guerreiro era posicionada na água e cabia aos amigos do falecido empurrá-la e atear fogo em suas velas. Simbolicamente, o drakkar começava sua última viagem, que iniciava-se nesse mundo e teria fim somente no próximo.

Até o século XVIII, nas regiões da Europa em que o Cristianismo era praticado, a pompa barroca (práticas funerárias exageradamente religiosas) foi desaparecendo dos funerais, mostrando assim que a mentalidade de uma sociedade inteira foi mudando; bem como as práticas cristãs foram morosamente divorciando-se das práticas funerárias.

Os cemitérios das igrejas já não podiam mais comportar os grandes volumes de mortos, uma das mais interessantes maneiras de contornar esse problema aconteceu na cidade de Paris, que encontrou sua solução na construção de um ossuário subterrâneo que atualmente conhecemos como as Catacumbas de Paris.

A cidade de Paris já contava com um amplo conjunto de túneis subterrâneos resultantes de séculos de exploração pedreiras, desde o período de ocupação romana na cidade. Tais túneis foram então consagrados em 7 de abril de 1786 sob o nome de “Ossuário Municipal de Paris”, vindo depois a serem chamadas de Catacumbas em referência às Catacumbas Romanas.

No século XVIII houve a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, que solidificou o capitalismo na Europa e nas conseqüentes regiões do mundo, mudando o jeito que vivemos, nos relacionamos e conseqüentemente o jeito que morremos. O capitalismo causou tantas mudanças neste último aspecto que foi uma das nossas razões para realizarmos nossa pesquisa de campo.

Para fazer nossa pesquisa, solicitamos que voluntários respondessem as perguntas abaixo:

Em sua opinião, você considera que cemitérios possam causar problemas ambientais e/ou de saúde?

No futuro, você planeja ser enterrado ou cremado?

Você tem alguma noção dos custos funerários?

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Acredita que cemitérios continuarão a existir no futuro?

Com relação aos problemas ambientais e de saúde, 51% das pessoas responderam que sim, os cemitérios causam esses problemas, 26,6% responderam talvez e 21,8% responderam que não. A maioria das pessoas respondeu sim, o que nos mostra que a maioria da população tem consciência desses graves problemas. Em 1998 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em algumas publicações que os cemitérios viriam a ser uma grande fonte de poluição e de contaminação dos lençóis freáticos.

Cemitérios causam uma miríade de problemas devido a sua concentração de matéria orgânica morta em decomposição, que libera um líquido percolado chamado de necrochorume, que pode contaminar a água que bebemos, assim transmitindo doenças como Febre Tifóide, Tuberculose, Poliomielite, Escarlatina, Gangrenas, Hepatite A entre outras doenças, em níveis epidêmicos.

Por conseguinte, 68% dos voluntários responderam que gostariam de ser cremados, 24,6% responderam que gostariam de ser enterrados e 7,6% responderam outros, pelo fato de que muitas pessoas nunca pensaram no assunto. Apesar da média nacional de cremações ser de 30% a 40%, nossa pesquisa é representativa de um fenômeno que vem acontecendo em todo o mundo, a falta de espaço nos cemitérios, que pode ser atribuída a conurbação, quando o espaço rural entre as cidades vai reduzindo devido ao crescimento urbano, fazendo com que os cemitérios construídos afastados das cidades aproximem-se delas novamente.

A falta de espaço nos cemitérios, principalmente nas cidades grandes, afetam os custos funerários, que podem ser maiores para o enterro, pois quanto maior a demanda, menor a oferta.

Dos entrevistados, 71,8% responderam que sabem a respeito dos custos funerários e acham caro, 21,8% responderam que não faziam ideia alguma dos custos e 6,4% responderam que não sabiam, mas que não deveria ser caro. A análise desses resultados nos mostra uma população extremamente consciente sobre o quão caro é morrer, provavelmente o motivo mais forte do porque a cremação foi a resposta da maioria na pergunta anterior.

O capitalismo transformou a morte em uma indústria, o serviço funerário passou a ser um produto à venda. No Brasil, o enterro em um cemitério público de uma metrópole como o Rio de Janeiro custa em torno de R\$ 2.200,00, enquanto a cremação por volta de R\$ 1.921,55, comparando-os, ainda é caro, mas a cremação seria uma opção mais vantajosa, pois a família não terá de arcar com os custos de manutenção de túmulo.

Talvez a pergunta de resposta mais incerta, onde 43,5% das pessoas entrevistadas responderam que acreditam que talvez existam cemitérios em um futuro, 29% responderam que não continuarão a existir e 27,4% responderam que sim. Pela lógica de que cemitérios são ruins para a natureza, caros e ocupam espaço que nunca poderá ser reutilizado, a resposta seria um não, mas nem sempre

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

fazemos o que é melhor para a natureza e enquanto vivermos em um sistema capitalista sempre haverá pessoas que poderão pagar pelo luxo de um enterro em uma moradia post mortem.

Conjecturamos que as variáveis para essa questão são muitas para podermos afirmar que cemitérios continuarão a existir da mesma maneira que hoje, talvez tornem-se lugares de estudo do passado, patrimônios culturais, museus, um lugar que ensine algo para as sociedades do futuro sobre as gerações passadas, da mesma maneira que este trabalho nos ensinou sobre nosso passado, presente e permitiu a projeção de um possível futuro.

CONCLUSÃO

Quando se olha para o futuro dos cemitérios, enxerga-se um grande ponto de interrogação. Embora existam várias opiniões a respeito, as pessoas não chegam a conclusão alguma. Além, claro, do constrangimento ao falar de coisas como a morte e do fato de que seres humanos decompõe-se. É quase um tabu. Ninguém gosta de falar sobre isso, e ninguém nunca sequer considerou a própria morte. Parece algo tão à parte dos vivos que não vale a pena se preocupar.

Mesmo assim, existem hoje várias empresas que têm como foco o tratamento de corpos a partir da cremação. Já é possível virar um disco de vinil, um conjunto de porcelana, diamantes, fogos de artifício e até uma tatuagem.

Desse modo, não é difícil afirmar, com os dados arrecadados, estudados e analisados, que, no futuro, os cemitérios podem simplesmente serem tratados como uma prática antiga, colocada de lado, transformada em algum outro tipo de espaço histórico, para dar lugar à cremação.

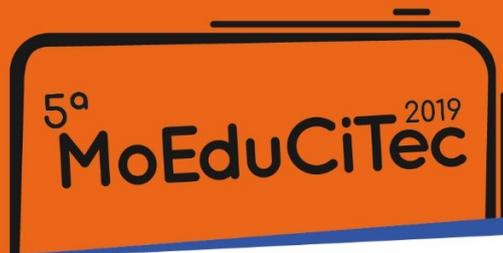
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDEIRO, Tiago. COMO ERA O RITUAL DE UM FUNERAL VIKING? Disponível em . Acesso em 30 de jun.2019.

FAVARETTO, Bruna. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DOS CEMITÉRIOS: Panorâmica Geral. Disponível em . Acesso em 19 de jun.2019.

GALVÃO, Camila.BIZARRO: 8 maneiras de transformar suas cinzas em algo louco. [S. l.], 25 mar. 2017. Disponível em: megacurioso.com.br. Acesso em: 30 jun. 2019.

K. S. GALVÃO, Sheylla. ANTIGOS RITUAIS FÚNEBRES. Disponível em . Acesso em 30 de jun.2019.MENDONÇA, Ana. A MORTE E OS FUNERAIS ROMANOS. [S. l.], 17 maio 2005. Disponível em: latim.blogspot.com. Acesso em: 24 jun. 2019.MUSÉE CARNAVALET - HISTOIRE DE PARIS. LES CATACOMBES DE PARIS. Paris, França, c2018. Disponível em: catacombes.paris.fr. Acesso em: 29 jun. 2019.



Mostra Interativa da Produção Estudantil
em Educação Científica e Tecnológica

O Protagonismo Estudantil em Foco



Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Eixo temático: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PEARSON, Mike Parker. THE ARCHEOLOGY OF DEATH AND BURIAL. Stroud, Reino Unido: Sutton Publishing Limited, 1999. Disponível em: academia.edu. Acesso em: 24 jun..

ROSA, Guilherme. É BOM PENSARMOS COMO SERÃO OS CEMITÉRIOS DO FUTURO. Disponível em . Acesso em 30 de jun.2019.